

Solenidade de Pentecostes

15 de maio de 2016

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Na tarde do primeiro dia da semana, no qual o Senhor apareceu ressuscitado aos discípulos, soprou sobre eles e receberam o Espírito Santo para darem continuidade à sua obra, ou seja, anunciar o Evangelho até os confins da terra, fazendo-os participantes do Novo Israel que é a Igreja, cujo poder de perdoar os pecados o próprio Jesus glorioso outorgou-lhe.

Cinquenta dias depois, os Apóstolos reunidos em oração, eis que *“de repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiam e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em ou-*

*tras línguas, conforme o Espírito os inspirava.*¹ A partir desse evento, os Apóstolos fundaram Igrejas a fim de que todas as gentes tivessem acesso à salvação operada por Cristo.

A Igreja, instituída pelo próprio Cristo e presente nas chamadas “Igreja Particulares”, espalhada pelo mundo inteiro, continuará, pois, até seu retorno no final dos tempos, a ministrar os sacramentos, instruir na fé, perdoar os pecados e conduzir os batizados para tomar posse da Jerusalém Gloriosa.

Jesus, antes de subir aos céus, ordenou aos Apóstolos ir e ensinar os povos, batizando-os no Pai, e no Filho e no Espírito Santo; eles que tinham recebido o Dom de seu Mistério Pascal. Assim o fizeram e edificaram Igrejas em novas localidades, *“nas quais outras Igrejas foram buscar*

¹ At 2,1-4

mudas de fé e sementes de doutrina. Por essa razão, são também consideradas apostólicas, como filhas das Igrejas dos Apóstolos.” ²

A Igreja do Cristo, após Pentecostes, constituída pelos Apóstolos se difundiu por todo o orbe e chegou até nós com a Igreja Particular de Ponta Grossa, que comemora 90 anos de existência. Foi desmembrada em 1926, com o Papa Pio XI, da diocese de Curitiba.

A Igreja de Curitiba, por sua vez, foi criada em 1892, até então sufragânea da Igreja do Rio de Janeiro. A Arquidiocese do Rio de Janeiro originou-se da Igreja de São Salvador da Bahia, e esta da Arquidiocese de Funchal em 1551.

² Tertuliano, *Da exclusão dos Hereges*

Se continuássemos nossa pesquisa, remontaríamos à Igreja Mãe de Jerusalém, de onde os Apóstolos, após Pentecostes, saíram a dilatar o Reino de Deus.

A Igreja, Católica e Apostólica, é uma só, como escutamos de Tertuliano³ e, animada pelo Espírito Santo, prolonga no tempo a obra da salvação realizada por Cristo, até o seu retorno glorioso.

Assistida pelo Espírito Paráclito, nem mesmo as limitações e pecados de seus ministros e de seu povo a impedem de avançar, qual barca segura, em meio às tempestades deste mundo. Sua própria história é testemunha dessa realidade.

Não faltaram, e não faltam ainda hoje, líderes políticos, filósofos, cientistas sociais e utopistas que sonharam e projetaram destruir ou relegá-la ao passado da humanidade,

³ Tertuliano, morto em 220

cativa de superstições e crenças, conforme a análise bastante tendenciosa dos mesmos, a partir do Iluminismo. Como acreditavam, a ciência viria tirar-lhe toda a autoridade e ocupar seu lugar. Nada disso aconteceu!

Após o Concílio Vaticano II, concluído em 1965, qual um “Novo Pentecostes”, quer a Igreja atuar e apresentar-se ao mundo com um rosto novo e com uma maior eficiência diante dos desafios apresentados pela cultura e sociedade de nosso tempo para ser fiel a Jesus Cristo. Não obstante dificuldades e falhas, aqui estamos para testemunhar nossa fé no Ressuscitado e em seu Reino.

A imagem utilizada pelo Concílio Vaticano II sobre a Igreja é a do povo da Antiga Aliança em seu êxodo; peregrina rumo à Terra Prometida.

A Nova Israel, como a antiga, jamais será uma multidão que caminha desordenadamente e sem uma meta defi-

nida. Pelo contrário! Cada um de seus membros ocupa o lugar que lhe compete. Diferem uns dos outros, determinados pelo espaço aonde se encontram, na missão a realizar. Alguns pelo Sacramento da Ordem para santificar; outros na diaconia da oração, da assistência corporal, educacional e espiritual; outros na sinalização do Reino Vindouro, quais *"Maranatás viventes"*, que são os monges e religiosos; e tantos outros, pelo Sacramento do Matrimônio, o amor de Cristo por sua Esposa. Juntos vão construindo a cidade terrestre sem perder de vista a celeste, à qual são chamados a exercer a sua definitiva cidadania.

Uma conclusão que se impõe dessa visão de Igreja neste êxodo, que o antigo prefigurava é, justamente, considerar a vocação como um lugar eclesial para se viver o Batismo. Sob esse aspecto somos todos iguais, exceto na diaconia que exercemos. Todavia, urge esclarecer uma vi-

são distorcida que muitos a mantêm. Trata-se da responsabilidade para com a santidade do Batismo recebido.

Exigir dos ministros uma vida de santidade mais do que a dos leigos é um grande equívoco. É retornar à visão piramidal, já superada, que se tinha da Igreja, tendo em seu topo o Papa, depois os bispos, padres, diáconos, religiosos e por fim, os leigos. A exigência de santidade, nesse olhar eclesial, seria de intensidade ascendente; quanto mais alto se está nessa escala, maior deverá ser a vida de santidade. Somos todos iguais em direitos e deveres, porém cada um em seu devido lugar.

Questionemos, pois, se podemos nos escandalizar com as fraquezas e pecados mais dos ministros do que dos demais batizados, colocando-nos no lugar dos “pequeninos”.

Quem são os pequeninos?

Somos, realmente pequeninos?

Um santo nunca se considera pequenino nem se escandiza com o pecado de ninguém, compadece-se do desgraçado, cativo de seu próprio mal.

Deus nos abençoe a todos!